

Transformação de negócio ajuda a contornar a crise

De [Claudia Sargento](#)

Semana nº 1080 de 5 a 11 de Setembro a 4 de 2012

Redução de custos e aumento de competitividade são razões para a mudança. As TI dão uma importante ajuda

Mais de 90% das grandes empresas portuguesas concluíram ou iniciaram já processos de transformação dos seus negócios. A conclusão é da IDC e surge no estudo «Business Transformation», no qual a empresa de análise de mercado refere que as medidas tomadas têm como principal objectivo «contornar a crise».

De acordo com Gabriel Coimbra, country manager da IDC em Portugal, questionados sobre a forma como se sentem no que diz respeito à performance do seu negócio nos próximos meses, os inquiridos dizem-se «pouco confiantes» ou mesmo «nada confiantes». Mais de dois terços apontam como medidas a tomar para assegurar uma efectiva transformação «a identificação e o desenvolvimento de novos produtos». Por seu turno, mais de 40% consideram também a hipótese de expandir o negócio «para novas geografias».



No entanto, a mudança nem sempre se revela uma tarefa fácil. Entre os obstáculos que podem surgir contam-se a escassez de recursos para a implementar – referida por cerca de 60% dos inquiridos –, a burocracia ou a disponibilização de dados imprecisos ou incorrectos.

José Luís Ferreira, da Pessoas e Processos, considera a este propósito que «o processo de mudança resulta melhor se existir uma liderança forte e justificada». De qualquer forma, Gabriel Coimbra explica que através do estudo se percebe que «as organizações estão conscientes de que não estão preparadas para a mudança».

Entre os motivos apontados para a transformação contam-se a situação económica (referida por mais de 90% dos inquiridos), ou seja, «uma em cada cinco empresas está a passar por uma mudança devido ao contexto económico», segundo Gabriel Coimbra. Outros motivos são as alterações regulamentares e as mudanças verificadas nas necessidades dos clientes.

Um outro dado importante a ter em conta diz respeito aos factores que podem ditar o sucesso ou o insucesso de todo o processo de transformação. No primeiro caso, o suporte pela gestão de topo, o alinhamento com a estratégia global e as boas competências de liderança da equipa de gestão são factores apontados no estudo. Já o insucesso poderá ficar a dever-se, de acordo com o trabalho da IDC, «ao facto de o processo de transformação não ser bem aceite pelos colaboradores».

O papel das TIC

O trabalho da IDC tentou ainda apurar qual o papel que as tecnologias de informação e comunicação (TIC) desempenham na transformação do negócio, percebendo-se que estas «são fundamentais em todo o processo». Na realidade, cerca de 60% dos empresários portugueses inquiridos consideram que as tecnologias de informação têm um papel crucial para as organizações avançarem com um processo de transformação e 79% afirmam que estas são mesmo vitais para o negócio.

Do número total de inquiridos, 94% disseram que o maior benefício da utilização de ferramentas tecnológicas está no alinhamento de projectos e actividades com os objectivos de negócio, sendo o principal obstáculo a percepção desta utilização como uma sobrecarga de trabalho (64%).

Por seu turno, questionados sobre se dispõem de ferramentas de gestão para o seu portefólio de projectos, 40% dos inquiridos afirmaram não as ter nem pretender adquiri-las e 36% asseguraram que já dispõem destas ferramentas. As empresas que responderam dizem ainda perceber que o investimento neste tipo de ferramentas «pode representar ganhos a médio e longo prazo». Já na Administração Pública, os desafios de transformação passam por assegurar «um melhor entendimento das políticas nacionais», uma vez que os inquiridos consideram existir «falta de comunicação nesta área». Na realidade, o plano de redução de gastos na AP «não foi ainda bem entendido e não se sabe se já está em funcionamento», de acordo com o estudo da IDC.

O mesmo trabalho conclui que existem qualquer coisa como 750 organismos da AP com orçamento próprio para as TI, «com várias iniciativas a decorrer em simultâneo, o que dificulta o trabalho», na opinião de Gabriel Coimbra.

Ainda na AP, os inquiridos consideram que «falta uma abordagem comum a todos os projectos e um modelo de referência para os comparar».